

III Seminário Cidade, Territorialidades e Interseccionalidade – 2025

Territórios em Luta: Práticas dissidentes de (re)existência

EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E TERRITÓRIO: RESSIGNIFICAÇÕES EM UMA ESCOLA DA PERIFERIA PAULISTANA.

DUARTE, Luiz Fernando Zucatelle¹, MAFRA, Jason Ferreira².

¹ Mestrando em Educação, PPGE- UNINOVE, Universidade Nove de Julho Campus Vergueiro, fernando.zucatelle@gmail.com.

² Professor Doutor, Diretor do Programa de Pós-Graduação Profissional Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (PROGEPE-UNINOVE), jasonmafra@gmail.com.

2 – Educação e saberes insurgentes

RESUMO: Este trabalho analisa uma experiência de extensão universitária realizada em 2023 em uma escola pública de ensino fundamental II localizada na Brasilândia, periferia da zona norte de São Paulo. O projeto tinha como objetivo investigar memórias familiares e territoriais, valorizando a história negra e periférica do bairro, por meio de práticas como a construção de árvores genealógicas do território e percursos pedagógicos pela comunidade. O artigo toma como referência crítica o livro *Extensão ou comunicação?* de Paulo Freire (1983), confrontando o desenho inicial do projeto com os resultados observados no documentário produzido durante sua implementação. A análise, baseada nas entrevistas com professores, direção e estudantes, mostra que as atividades mobilizaram memórias, afetos e debates sobre pertencimento, ao mesmo tempo em que revelaram tensões e contradições. O estudo indica que práticas educativas territorializadas podem constituir potentes dispositivos antirracistas, que validam a oralidade e ressignificam o território como lugar de aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Educação antirracista; Extensão universitária; Memória; Periferia; Território negro..

Education, Memory, and Territory: New Meanings from Pedagogical Practices in a School on São Paulo's Periphery

ABSTRACT: This paper analyzes a university extension experience carried out in 2023 at a public middle school located in Brasilândia, a periphery in the northern zone of São Paulo. The project aimed to investigate family and territorial memories, valuing the Black and peripheral history of the neighborhood through practices such as building genealogical trees of the territory and pedagogical walks through the community. The article critically uses Paulo Freire's book *Extension or Communication?* (1983) as a reference, contrasting the project's initial design with the results observed in the documentary produced during its implementation. The analysis, based on interviews

with teachers, the school administration, and students, shows that the activities mobilized memories, affections, and debates about belonging, while also revealing tensions and contradictions. The study indicates that territorialized educational practices can constitute powerful anti-racist devices that validate orality and re-signify the territory as a place of learning.

KEYWORDS: *Anti-racist education; Memory; Periphery; University extension; Black territory.*

INTRODUÇÃO

Paulo Freire (1983), em *Extensão ou comunicação?*, propõe uma reflexão fundamental: a extensão não pode ser compreendida como simples transmissão de saber, mas como diálogo entre sujeitos. Essa distinção é central para analisar o projeto de extensão universitária desenvolvido em 2023 na Brasilândia, território marcado pela forte presença negra e por processos históricos de exclusão urbana.

O projeto foi concebido para fomentar práticas pedagógicas em torno das relações étnico-raciais, desenvolver atividades de memória e criar narrativas que valorizassem o bairro e suas famílias. No entanto, o documentário produzido em 2024, após a implementação mostra que os resultados não se limitaram ao planejado: estudantes, professores e direção ressignificam as propostas de modos inesperados, revelando o caráter orgânico e imprevisível da prática educativa.

O presente artigo, adequado à Sessão Temática 2 do III SCTI (“Educação e Saberes Insurgentes”), discute como essas práticas possibilitaram a emergência de memórias, afetos e tensões, iluminando o território como espaço de aprendizagem insurgente.

METODOLOGIA

A pesquisa baseia-se na análise qualitativa do documentário TENEGRES BRASILÂNDIA: comunidade e educação (2024), que registrou a execução do projeto entre abril e novembro de 2024. O material inclui entrevistas com professores, direção e estudantes, além de registros das atividades: árvores genealógicas do território, percursos pelo bairro, oficinas e debates.

A abordagem metodológica seguiu três eixos:

Comparação entre projeto e prática: examinamos até que ponto os resultados coincidiram, ampliaram ou divergiram das expectativas.

Análise temática das falas: em vez de organizar por entrevistado, os depoimentos foram agrupados por temas (práxis antirracista, memória, pertencimento, ressignificação do território).

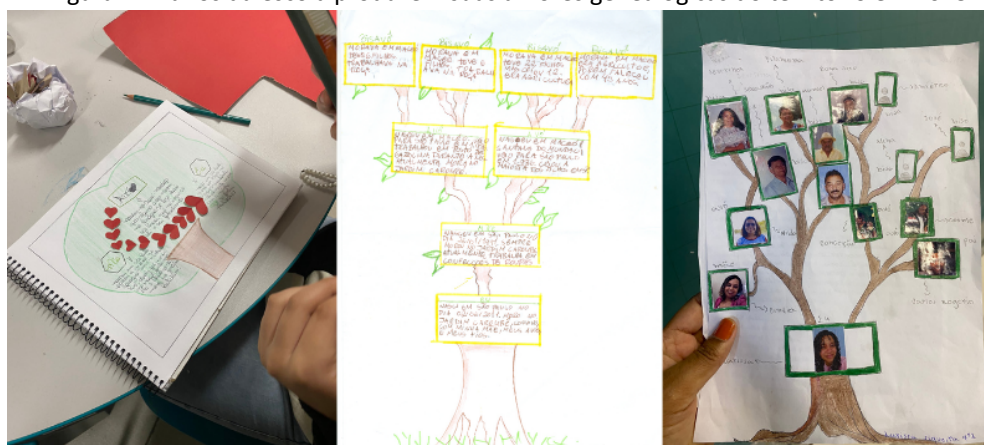
Reflexividade do pesquisador: assumindo a implicação no projeto como bolsista, buscamos manter uma postura crítica e não laudatória, em diálogo com Gomes (2017) e hooks (2013), que ressaltam a importância da reflexividade em pesquisas educacionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Práxis antirracista o ponto de partida o professor Michael, ao relatar sua prática pedagógica, afirmou que a educação antirracista sempre guiou suas ações, conectando sua experiência pessoal às necessidades dos estudantes. Essa fala encontra eco em Fanon (1952), que analisa as marcas da racialização na formação do sujeito negro, e em Gomes (2017), que discute a educação como campo de reexistência. Nesse sentido, a extensão não “levou” algo à escola, mas dialogou com projetos já existentes, configurando-se como comunicação freiriana.

A árvore genealógica como dispositivo de memória a atividade mais marcante foi a construção das árvores genealógicas do território. Professores como Renato destacaram que os alunos buscaram parentes distantes e reconstruíram trajetórias familiares. Esse movimento materializa o que González (1988) chama de “oralidade negra” e o que Nascimento (2006) entende como pedagogia da memória. A escola, assim, validou saberes invisibilizados, enfrentando o epistemicídio (Carneiro, 2005).

Figura 1. Alunos da escola produzem suas árvores genealógicas do território em 2023.



Fonte: Autor, 2023

As reações dos estudantes entre o “legal” e o “histórico” as falas dos alunos foram diversas: Heloisa e Emily disseram que as atividades foram “legais” e “engraçadas”, o que pode parecer superficial, mas, conforme hooks (2013), o prazer e o riso também são ferramentas de aprendizagem engajada. Já Matheus, ao falar de lugares “históricos” usando aspas, problematizou o que é considerado história, abrindo espaço para disputas de significado Ratts (2006). Layla, por sua vez, relatou surpresa ao descobrir locais do bairro que desconhecia, levando o debate para dentro de casa, o que reforça o caráter comunicativo da experiência Freire, (1983).

Ressignificação do território: Os depoimentos dos professores Solange e Renato mostram que mesmo moradores antigos redescobriram memórias e lugares do bairro. Milton Santos (2006) nos ajuda a compreender essa experiência como passagem de um espaço opaco a um território transparente, onde diferentes temporalidades se sobrepõem. Para estudantes e professores, a periferia deixou de ser apenas um cenário de carências para se tornar também lugar de memória, identidade e disputa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comparação entre o projeto escrito e os resultados documentados revela que a prática educativa superou parte das expectativas iniciais, justamente por abrir-se ao diálogo e ao inesperado. Se o projeto previa valorizar a memória e a identidade, o documentário mostra que isso ocorreu de modo múltiplo: houve entusiasmo, ironia, distanciamento e também engajamento familiar.

À luz de Paulo Freire (1983), o que se viveu foi comunicação: estudantes, professores e pesquisadores compartilharam saberes, produziram novos sentidos e resignificam o território. A experiência sugere que práticas de extensão baseadas na memória e no espaço vivido podem contribuir para currículos antirracistas e decoloniais, ainda que marcados por tensões e contradições inevitáveis.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese (Doutorado em Educação) – USP, 2005.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008 [1952].

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GEPRETAS. TENEGRES Brasilândia: EP01_Comunidade e educação. YouTube, 1 dez. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qjPPKUKWASI>. Acesso em: 5 out. 2025.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. "A categoria político-cultural de amefricanidade". Tempo Brasileiro, n. 92/93, 1988.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.